



Mitos e desinformação permeiam cuidados com a saúde infantil nas famílias brasileiras

Pesquisa do IBOPE aponta crenças equivocadas sobre a prevenção das doenças infecciosas mais comuns nos bebês

Quando o assunto é saúde infantil e proteção contra as doenças infecciosas mais frequentes na infância, falta informação e sobram percepções equivocadas entre os pais dos bebês brasileiros. Essa é a conclusão principal da pesquisa **Doenças infectocontagiosas nos 2 primeiros anos de vida: mitos e temores das famílias brasileiras**, um novo levantamento realizado pelo IBOPE Conecta, a pedido da Pfizer, a partir de 1.000 entrevistas on-line com mães e pais de todas as regiões do País. E, justamente como resposta a esse cenário de desinformação, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) acaba de lançar, com apoio da Pfizer, a campanha **#MAISQUE UM PALPITE**.

Os dados da pesquisa, que ouviu pais das classes A, B e C, apontam que os mitos são populares em todos os estratos sociais. Chuva, vento e sereno são os elementos mais lembrados, por exemplo, quando os entrevistadores perguntam aos pais sobre os fatores que mais expõem as crianças pequenas às doenças infectocontagiosas. Essa relação é apontada, equivocadamente, por 63% da amostra. E a porcentagem sobe para 70% entre os entrevistados da classe A, chegando a 67% na classe C. Por outro lado, os fatores que de fato mais favorecem a transmissão dessas doenças, como a permanência em locais fechados e o convívio com irmãos mais velhos, são menos citados.

Se os fatores de risco para as doenças infectocontagiosas confundem os pais, na hora de adotar medidas preventivas contra essas enfermidades as dúvidas aumentam ainda mais. Embora 94% deles classifiquem a vacinação como uma forma de proteção muito importante, persistem mitos sobre as doses de reforço, a segurança das vacinas e a própria necessidade da imunização. Pelo menos 30% dos pais estão convencidos, por exemplo, de que higiene e cuidados pessoais seriam o suficiente para prevenir essas doenças, o que não é verdade.

O conhecido mito de que as vacinas costumam causar a doença que deveriam prevenir também aparece no levantamento. Pelo menos 1 a cada 5 pais entrevistados acredita que essa relação é verdadeira,





proporção que sobe para mais de 1 a cada três quando se analisa apenas a classe A. Além disso, a porcentagem daqueles que dizem não saber se essa relação é ou não verdadeira também se mostra alta, chegando a 26% na média do total de entrevistados, como demonstra o quadro abaixo:

As afirmações abaixo são mitos ou verdades?	Mito %	Verdade %	Não sei %
A vacina pode causar a doença que deve prevenir	53	21	26
Higiene e cuidados pessoais são suficientes para prevenir doença	60	30	11
Vacinas são necessárias apenas para crianças	86	7	7
As vacinas causam, frequentemente, efeitos colaterais graves	50	27	23
Dar analgésicos antes da vacina para evitar reações afeta a ação do imunizante	32	44	24
Não tem problema adiantar a 2ª ou a 3ª dose das vacinas	43	18	39
A vacina perde efeito se a segunda ou terceira dose atrasar	32	36	32
Vacinas do posto diferem de vacinas das clínicas privadas	61	19	20
Se a criança recebe muitas doses de várias vacinas nos 2 primeiros anos, o sistema imunológico fica sobrecarregado	53	14	33

O comportamento de subestimar a possível gravidade de doenças infecciosas comuns na infância é outro ponto que chama a atenção entre os resultados da pesquisa. No recorte por estrato social, 21% dos pais da classe A dizem concordar, totalmente ou parcialmente, com a ideia de que essas enfermidades seriam inofensivas, de modo que as crianças poderiam superá-las facilmente. Quando se considera o total da amostra, porém, a porcentagem relacionada a essa falsa percepção cai para 15%.

Segurança

Ainda em relação à imunização, as incertezas dos pais a respeito da segurança das vacinas também se destacam. Mais de 20% dos entrevistados demonstram ter dúvidas sobre o assunto, de modo que 10% deles discordam, totalmente ou parcialmente, da ideia de que as vacinas sejam de fato seguras. Além disso, 11% desses pais dizem que não conseguem opinar sobre a segurança desses produtos. Como contraponto, o grupo de entrevistados da classe A é o único em que a maioria dos participantes diz concordar totalmente com a afirmação de que as vacinas são realmente seguras.

Presidente do Departamento de Imunizações da SBP, o pediatra Renato Kfoury lembra que a perpetuação de muitos dos mitos sobre



vacinação que aparecem na pesquisa podem fortalecer cenários preocupantes, como os movimentos antivacinação. “Hoje, com a força das redes sociais, qualquer boato se espalha rapidamente. E, no campo da imunização, esse fenômeno se destaca ainda mais. É uma área que acaba sendo bastante impactada nesses tempos de fake news”, diz o médico. Vale lembrar que, em 2017, a maioria das carteirinhas de vacinação das crianças e adolescentes do País estava desatualizada, o que levou o Ministério da Saúde a promover uma campanha nacional de multivacinação.

Diferenças entre vacinas

Entre as percepções equivocadas a respeito da imunização infantil, a falta de informação sobre as diferenças entre algumas das vacinas oferecidas pela rede pública e as opções das clínicas privadas também se destaca na pesquisa. A maioria dos entrevistados na classe A (75%) e da classe B (73%) acredita que as alternativas oferecidas por postos e clínicas particulares são iguais ou não se sentem confortáveis para opinar sobre esse assunto.

“O Programa Nacional de Imunizações (PNI), considerado um dos melhores do mundo, oferece gratuitamente as vacinas prioritárias em termos de saúde pública. Elas evitam as doenças que mais acometem a população, nas faixas etárias com maior risco de adoecer e de apresentar complicações. Já o foco dos calendários das sociedades médicas, que são seguidos pelos serviços particulares, é a proteção individual, de modo que estão contempladas todas as vacinas que podem beneficiar aquele paciente. Há, portanto, calendários diferentes, mas as duas estratégias são importantes”, afirma Kfoury.

As diferenças entre as vacinas das duas redes estão relacionadas, sobretudo, à cobertura que elas proporcionam. Esse é o caso da imunização contra as doenças pneumocócicas: enquanto a vacina preconizada pelos serviços particulares de vacinação protege contra 13 sorotipos da bactéria pneumococo, a do posto de saúde contempla 10 sorotipos. Essa variação de cobertura também ocorre na vacinação contra a meningite bacteriana causada pelo meningococo. A rede pública oferece o imunizante para o sorogrupo C, o mais comum no País, mas nas clínicas particulares é possível vacinar a criança, de uma só vez, contra quatro sorogrupos de meningococo (ACWY). Também há uma vacina específica para o sorogrupo B.

Apesar dessas diferenças, a maioria dos participantes da pesquisa, ou



51% da amostra, está convencida de que os postos oferecem todos os imunizantes indicados para as crianças pelas sociedades médicas. Essa percepção é menos acentuada entre os pais mais velhos, a partir dos 40 anos, e também menos evidente na classe A, na qual a porcentagem cai para 40%. Já entre os pais da classe C, esse número chega a 54%.

O levantamento também evidencia que as famílias têm dúvidas importantes sobre o esquema vacinal das crianças. Por exemplo: 68% dos pais desconhecem a informação de que o atraso na aplicação da segunda ou da terceira dose pode interferir no resultado da imunização – ou preferem não opinar sobre o assunto. Outros 40% desconhecem o impacto do adiantamento dessas mesmas doses sobre a eficácia da imunização.

“Os dados da pesquisa indicam que ainda existe um amplo trabalho de conscientização a ser feito com esses pais e mães, já que vários mitos persistem nessas famílias. Por isso, disseminar informações confiáveis é imprescindível”, afirma o diretor médico da Pfizer, Eurico Correia.

Doenças temidas

Em meio a tantas dúvidas sobre a imunização dos filhos, em um ponto os entrevistados concordam: meningite é a doença mais temida pelas famílias brasileiras, tanto na média geral dos participantes quanto em cada um dos subgrupos analisados pela pesquisa, considerando recortes por faixa etária, classe social e regiões. Em segundo lugar aparece a pneumonia, mencionada por 59% da amostra, como ilustra o quadro abaixo. E essa porcentagem sobe para 68% quando se analisa apenas os pais da classe A.

Doença	Total %	Idade dos Pais			Regiões			
		18-29 %	30-39 %	40+ %	NO+CO %	NE %	SE %	SU %
Meningite	72	68	73	78	78	73	71	71
Pneumonia	59	63	60	48	68	59	59	58
Dengue	49	52	47	48	60	46	50	56
Rubéola	37	38	38	30	35	33	39	41
Coqueluche	34	33	37	30	38	31	36	37
Sarampo	27	25	28	25	30	25	27	27
Varicela	19	18	20	16	20	17	19	24
Gripe	13	15	11	13	17	15	11	13
Diarreias	12	12	11	13	10	11	12	17



Ainda que os pais entrevistados demonstrem uma preocupação forte em relação à pneumonia, o levantamento aponta uma contradição nessa temática: questionados sobre as doenças que poderiam ser prevenidas por meio das vacinas, apenas 33% dos participantes citaram a pneumonia. Hepatite B e tétano foram as enfermidades mais lembradas. Meningite também se destaca, em quinto lugar, mencionada por 80% desses pais.

O temor dos pais em relação à meningite tem fundamento. A doença é potencialmente grave, sobretudo os quadros bacterianos, e a criança infectada pode chegar ao óbito rapidamente ou apresentar sequelas graves. Apesar disso, a pesquisa aponta que as famílias estão pouco atentas a sintomas sugestivos de meningite, como a rigidez na nuca. Essa condição é mencionada por apenas 33% dos entrevistados quando questionados sobre sintomas que consideram mais assustadores nos filhos.

Respostas	Total %	Idade dos Pais			Classe Social		
		18-29	30-39	40+	A	B	C
Febre	79	82	78	76	67	77	81
Falta de ar	63	66	60	65	68	65	61
Vômito	53	53	57	40	52	51	54
Rigidez na nuca	33	24	34	48	52	35	30
Diarreia	26	28	25	24	23	26	26
Perda de apetite	24	27	24	21	13	24	26
Sonolência excessiva	22	20	23	25	25	21	23

No recorte por subgrupos, a preocupação com a rigidez na nuca se acentua na classe A e se enfraquece entre os pais mais jovens. Há, porém, outros sintomas importantes que podem sugerir um quadro de meningite, como manchas vermelhas na pele e vômitos em jato. Nesses casos, é fundamental contatar um pediatra de confiança o quanto antes. “Este 24 de abril, quando celebramos o Dia Mundial de combate à Meningite, é uma oportunidade importante de conscientizar a população sobre essa doença tão impactante, mas que pode ser prevenida”, complementa Correia.



Nora Ferreira

Nora.ferreira@cdn.com.br

(11) 3643-2785

